

LAZER E EXPERIÊNCIA CULTURAL: TERRITORIALIDADE E ALTERIDADE DO POVO AKWÊ-XERENTE¹

Recebido em: 16/07/2018

Aceito em: 20/12/2018

Khellen Cristina Pires Correia Soares
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins
Palmas – TO – Brasil

José Alfredo Oliveira Debortoli
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Este trabalho é um recorte da tese de doutorado intitulada Cultura e Lazer na vida cotidiana do povo Akwê-Xerente. Este texto busca uma discussão entre lazer e experiência cultural, aproximando do modo de vida e de constituição da territorialidade e alteridade Akwê-Xerente. Uma aproximação com a antropologia permitiu que a metodologia fosse construída a partir do diálogo entre a pesquisa bibliográfica e de campo; em uma perspectiva etnográfica foi desenvolvida a observação participante e realizadas entrevistas. Através do “olhar de perto e de dentro” buscamos a compreensão do que os indígenas vivenciam que se aproxima das perspectivas de lazer lançadas até o momento. Assim, o objetivo é apresentar as práticas culturais de lazer do povo Akwê-Xerente, mais especificamente o Dasipê e a utilização das tecnologias, trazendo para a discussão questões que permeiam a alteridade e territorialidade deste povo. Estas práticas culturais de lazer fazem parte da vida cotidiana e participam da força geradora que define essa cultura. A tessitura deste habitar é composta por fios da tradição e outros fios da modernidade, revelando o processo híbrido da experiência cultural.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Cultura. População Indígena.

LEISURE AND CULTURAL EXPERIENCE: TERRITORIALITY AND OTHERNESS OF THE AKWÊ-XERENTE PEOPLE

ABSTRACT: This project work is a cut of the doctoral thesis entitled Culture and Leisure in the daily life of the Akwê-Xerente people. This text seeks a discussion between leisure and cultural experience, approaching the way of life and the constitution of territoriality and distinctiveness from Akwê-Xerente. Through an approach with anthropology, the methodology was constructed from the dialogue between bibliographical and field research, from an ethnographic perspective. The present study constitutes a dialogue of the understanding of leisure as dimension of culture and

¹ Artigo premiado no III Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer/XVI Seminário “O Lazer em Debate”, realizado em Campo Grande/MS em 2018.

complex social practice, based on the analysis of the daily life of the Akwê-Xerente people, by means of what is revealed as alterity and territoriality of this people. Through the "close and inward look" we seek to understand what indigenous people experience that approaches the perspectives of leisure that have been released so far, considering the way of life of this people, describing the relationships that are established with time, work, nature, traditional knowledge, the knowledge of the surrounding society and how all these elements bring perspectives of dialogue with the field of study of leisure.

KEYWORDS: Leisure Activities. Culture. Indigenous Population (Public Health).

Introdução

O que apresentamos aqui é um recorte da tese de doutorado intitulada Cultura e Lazer na vida cotidiana do povo Akwê-Xerente. Este trabalho busca uma discussão entre lazer e experiência cultural, aproximando do modo de vida e de constituição da territorialidade e alteridade Akwê-Xerente, dos habitantes da aldeia Salto.

A partir da compreensão de Raymond Williams (1961), entendemos que culturas específicas têm versões específicas da realidade, que podem considerar-se criadas por elas. Com diferentes regras, culturas distintas criam seus próprios mundos, habitualmente experimentados por seus sujeitos.

O campo de estudos do lazer traz, ao longo do seu processo histórico, de forma quase hegemônica, conceitos de lazer que ao longo da história foram construídos a partir de uma realidade urbana e industrial, diferente, a princípio, da nossa perspectiva de estudo.

Um questionamento se faz presente no início desta jornada investigativa: como nomear, então, as experiências de lazer do povo Akwê-Xerente, visto que talvez eles não a denominem assim? A partir da assertiva de Geertz (2005), que destaca a necessidade primeira de “estar lá e escrever aqui”, entendemos a possibilidade de estar na aldeia Salto com o objetivo de verificar o que emerge a partir do modo de vida dos

sujeitos locais, de suas experiências e entender quais práticas culturais se aproximam do que nomeamos como lazer, para então dizer, aqui, da realidade estudada.

Estar aqui traz grande responsabilidade como pesquisadora, pois é uma possibilidade de mediação de descobertas e provocação da comunicação entre as culturas. Assim, o estar lá, na aldeia Salto, permite dizer aqui, das práticas culturais do povo Akwê-Xerente que envolvem ludicidade, prazer e acontecem em um tempo fora de obrigações.

Os estudos do lazer trazem provocações com relação às análises de contextos sócio históricos específicos, que promovem interrogações com relação aos conceitos que se constroem por meio da relação modernização e urbanização. Estudar os contextos tradicionais e não urbanos pode ter relevância a partir das compreensões que podem ser estabelecidas com relação ao modo de vida desses territórios; às conexões estabelecidas com o tempo, os espaços, a natureza e as atitudes. Dias (2012, p. 77) traz contribuições relevantes para estas reflexões:

Todos esses desafios se expressam de maneira ainda mais flagrante – e também mais complexa – quando tratamos de contextos não urbanos específicos, imersos em culturas particulares, como indígenas, quilombolas ou povos de culturas tradicionais, em geral. No âmbito dos estudos do lazer no Brasil, o interesse pelo estudo dessas situações é ainda relativamente recente. O número de trabalhos a esse respeito parece pequeno, embora já se possa identificar uma sutil tendência de crescimento.

Há um movimento de diálogo entre o campo de estudos do lazer e outras áreas de produção, agregando conhecimentos das ciências sociais e humanas que podem ser fundamentais para a aproximação entre os estudos das práticas culturais indígenas e os estudos do lazer a partir do processo de alteridade, que reconheça os contextos étnicos de forma dinâmica. Uma via de mão dupla pode ser estabelecida quando do

entendimento de que as populações indígenas estão em busca da efetivação do acesso a direitos sociais e que os estudos do lazer podem contribuir para as políticas sociais direcionadas ao fortalecimento do patrimônio cultural indígena.

O debate acerca do lazer e alteridade indígena é necessário, partindo do entendimento do conceito de simetria. Ao propor a Antropologia Simétrica, Latour (1991) contribui com a compreensão de que simetria não significa nem justiça, nem igualdade, nem equidade, nem nenhum desses nobres ideais aos quais não há nada a opor e, sim, ao fato de que nossos conceitos e nosso pensamento devem se transformar simetricamente aos conceitos e pensamentos que transformam quando a eles se aplicam. Indica, inequivocamente, uma prática destinada a enfatizar as diferenças em seu sentido intensivo.

Com base neste entendimento, há uma necessidade de reconhecer o outro nas suas diferenças e lógicas, em igualdade de importância e valorização das referências criadas pela sociedade a qual pertence. A análise das comunidades tradicionais e indígenas, especificamente do povo Akwê-Xerente, permite um desestabilizar de pensamentos e sentimentos. De acordo com Goldman (2008, p.06), "não basta crer na existência das diferenças e respeitá-las, para, além disso, há que se buscar os discursos e práticas nativos para desestabilizar nosso pensamento (e, eventualmente, também nossos sentimentos)". Esta desestabilização pode alcançar as formas dominantes de observar e pensar e, quem sabe, formar novas conexões com forças minoritárias que existem em nós mesmos.

Nesse ínterim, a investigação é um movimento em direção ao outro, na intenção de tentar compreendê-lo. Amorim (2001) traz essa questão a partir da relação que se estabelece entre pesquisa e alteridade. De acordo com a autora, a pesquisa instaura-se a

partir de uma visão do outro, o que implica colocar o sujeito no lugar do objeto de estudo.

Métodos

Busco uma inspiração antropológica para esta pesquisa, partindo da ideia de Ingold (2015) da possibilidade de investigar constantemente e disciplinadamente as condições de vida e potenciais da vida humana, observando os sentidos de produção, o significado de história, a noção de habitar e a ideia de que a vida é vivida ao longo de linhas. Assim, este autor compreende o ser humano enquanto produtor de suas vidas, e busca refletir como nesta produção estes seres humanos criam história, identificando neste processo as formas de habitar o mundo, dos seres humanos e não humanos, entendendo o caminho de movimento que cada ser trilhando a partir do seu modo de vida.

Como ponto de partida realizei a revisão teórica, identificando trabalhos nas áreas do lazer, da educação física e da antropologia que versam sobre a relação povos indígenas e: práticas corporais, corporalidade, esporte, identidade e corpo. Analisei também publicações que apresentam o que o campo de Estudos do Lazer nomeia como lazer e ainda as produções acerca do povo Akwê-Xerente, buscando conhecer e identificar especificidades deste povo e ainda trabalhos que trouxessem conhecimentos acerca das práticas culturais Akwê-Xerente.

Em uma perspectiva etnográfica foram realizados estudos empíricos. O que se busca é identificar, descrever e refletir por meio do “olhar de perto e de dentro” proposto por Magnani (2002), o modo de vida dos próprios atores sociais, revelando

como usufruem do tempo e espaço da aldeia e suas relações com o trabalho, lazer e cultura.

[...] o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento (MAGNANI, 2002, p. 17).

Dentre as 71 aldeias do território indígena Akwê-Xerente selecionei a aldeia Salto (Kripé) para desenvolver este estudo. A aldeia Salto tem na atualidade 106 famílias, totalizando mais de 400 habitantes, sendo a maior aldeia Akwê-Xerente. E nesta aldeia há um esforço por manter as práticas culturais vivas, e uma das estratégias é a realização anual da festa tradicional, chamada Dasipê.

De acordo com Malinowski (1978), na observação e participação, o observador pode ultrapassar a superficialidade. Para isso, o caminho é deixar os fatos falarem por si mesmos, na medida em que ocorrem ao seu redor e são devidamente anotados num diário. Esse processo ocorre com o pesquisador se incorporando ao grupo a ponto de se confundir com ele, participando de todas as atividades do cotidiano. Nesta experiência com o povo Akwê, o envolvimento com a comunidade a ponto de se confundir com ela, ou mesmo ter acesso a todas as atividades não ocorreu, isso porque o povo akwê mantém sua língua e entre eles só conversam fazendo uso dela. Desta forma, eu não tinha acesso a tudo o que conversavam, além disso, algumas reuniões ou cerimônias são restritas ao indígena akwê.

A ideia foi estar perto e dentro do contexto indígena, observando o modo de vida Akwê-Xerente, sem a pretensão de julgá-lo, nem tampouco invadindo o espaço e as experiências, adotando uma postura discreta e dosando minha participação,

esperando convites, abertura de portas, janelas e compartilhamentos da vida, das atividades, sentimentos, atitudes e todas as subjetividades que o meu olhar conseguiu alcançar, decifrar e descrever.

Resultados

O encontro entre pesquisador e pesquisado possibilita uma relação de alteridade fundamental, que emerge de uma diferença de lugar na construção do saber. Segundo Amorim (2001, p. 26), isso implica na “escuta da alteridade, aquilo que eu percebo de diferente no outro, na possibilidade de tradução e na transmissão da alteridade”. Esse entendimento auxilia a compreensão de que quando discutimos ou atribuímos o termo cultura, o que está realmente envolvido é uma forte carga simbólica, abstrata e subjetiva (INGOLD, 1994).

O estudo das práticas culturais Akwê-Xerente busca, para além de suas singularidades e subjetividades, entender especialmente sua diversidade. As expectativas concentram-se nas possibilidades de garantir, como Wagner (2010, p. 27) defende, “a ideia de que a cultura coloca o pesquisador em pé de igualdade com seus objetos de estudos, entendendo que não há um método infalível para classificar culturas diferentes e ordená-las, e sim a necessidade de compreender que cada cultura é equivalente a outra”.

Utilizando a lente do lazer, indico como se revela a dinâmica da vida cotidiana do Akwê-Xerente da aldeia Salto, a partir da organização de seus tempos e práticas culturais de lazer. As práticas culturais do povo Akwê-Xerente que se aproximam dos estudos do lazer são chamadas, neste estudo, de práticas culturais de lazer do povo Akwê-Xerente.

Assim como as sociedades urbanas os povos indígenas são marcados por diferentes histórias que de alguma forma os influenciam e os constituem. As fronteiras existentes na realidade do povo Akwê-Xerente podem ser aqui analisadas através da lente do lazer, por meio da Festa Cultural – Dasipê, com ênfase para a corrida de tora e também o uso das tecnologias como prática de lazer.

O povo Akwê-Xerente tem como prática tradicional a realização da festa cultural, um evento que acontece ao longo de vários dias, podendo ser uma semana, quinze dias ou mesmo um mês de festa. A organização deste evento fica a cargo dos anciãos, do cacique e de toda a comunidade, que se envolve desde o planejamento até a execução. Assim, é pensada uma programação diversificada que objetiva proporcionar a vivência das várias práticas culturais de lazer específicas da cultura deste povo.

Todos os indígenas da aldeia se pintam de acordo com o seu clã e, ao longo dos dias de festa, são organizadas: cerimônia de nomeação, corrida de tora, corrida de taquara, corrida de resistência, cabo de força, danças da cultura, momentos dos cantos e dos discursos dos anciãos (warã, que são importantes para a compreensão maior da cultura).

O Dasipê da aldeia Salto acontece há mais de seis anos, com o envolvimento de toda a aldeia e, por vezes, recebe algum pequeno apoio de instituições públicas ou privadas, mas o recebimento ou não deste apoio não determina a realização da festa cultural, visto que a comunidade, de qualquer forma, se organiza para tal realização. Estou destacando esse fato, pois considero relevante este dado, diferente de outras aldeias do território Akwê-Xerente, a aldeia Salto se organiza e realiza anualmente uma festa, garantindo tempos e espaços para que sejam revisitadas e fortalecidas as práticas

culturais de lazer específicas da cultura Akwê-Xerente, como diria Sahlins (1997), em um processo de intensificação cultural.

Este momento de vivências das práticas culturais de lazer específicas do povo é esperado por todos os indígenas do território Akwê-Xerente, pois o Dasipê traz momentos para a vivência das práticas culturais que são marcadamente deste povo, sendo reconhecido também como um movimento de resistência e reafirmação da cultura. Os indígenas das aldeias vizinhas deslocam-se para a aldeia Salto para viver um pouco destas experiências em um tempo pré-definido, a partir das identidades cosmológicas, como também do calendário deste povo:

O lazer, que permite romper com papéis quotidianos, implica a aprendizagem das horas vagas. Convinha, portanto, prestar atenção à codificação destes usos, aos sinais de distinção, de promoção, ou de simples distração que os ordena, demorar-nos, nomeadamente, no que rege as maneiras de ser simultaneamente espectadores e objetos de espetáculo, no jogo complexo da representação social que constitui o divertimento coletivo (CORBIN, 2001, p. 203).

Analisar esse momento de ludicidade coletiva, de diversão entre os parentes Akwê-Xerente, é identificar as práticas culturais de lazer que trazem na sua produção atitudes/experiências subjetivas de uma cultura que se revela na atualidade e se afirma enquanto prática social.

O habitar do Akwê-Xerente é revelado através da ludicidade que a corrida de tora grande traz para todos os envolvidos, desde os corredores até os anciãos e a comunidade, visto que esta prática cultural de lazer é incentivada e vivenciada por crianças, homens e mulheres, que desejam correr com a tora ou ainda pela comunidade, que fica como expectadora e torcedora.

A corrida de tora aparece como uma prática cultural de lazer, uma experiência lúdica que tem garantido o princípio cosmológico e contribui para a construção do

processo auteritário deste povo. Os indígenas apresentam a corrida de tora como tradição presente na vida do indígena Akwê-Xerente na atualidade, fortalecendo a permanência do ser índio e dando sentido à festa cultural do povo e ao seu modo de habitar.

A corrida de tora, certamente, configura-se como um elemento do que Vianna (2008) chama de "esportividade ameríndia". Num estudo sobre o tema, Costa (2016) apresenta a luta corporal alto-xinguana, relacionando-a a outras práticas nativas de caráter esportivo e classificando-as como "esportividade ameríndia". As análises destes autores contribuem para este estudo, quando estabelecem que:

A esportividade ameríndia não deve ser nem reduzida de seu caráter competitivo, pois muitas vezes, é exatamente esse caráter que faz com que determinadas práticas assumam tão elevado prestígio, tampouco entendida somente por seu viés gregário. Não partiremos dessa dicotomia, ao contrário, nossa proposta é mostrar a relação estabelecida entre a esportividade ameríndia e as questões lúdicas e competitivas. O caráter lúdico de algumas atividades não deve ser colocado a fórceps em disputas exacerbadas em tensão como a luta, o Jawari, a corrida de toras (COSTA, 2016, p. 198).

Para entender melhor esse processo de construção e transmissão de práticas culturais e saberes em um grupo social específico, a partir do reconhecimento de todo o povo, desde os anciãos aos mais jovens, aproxima das ideias de Mauss (2003), que defende que a tradição não se resume ao sentido restrito de técnicas ou gestos repassados pelos mais velhos; mesmo que esse sentido esteja implícito, o que valida a tradição é a aprovação, o reconhecimento dos jovens.

Trazer a realidade da validação dos jovens da importância da corrida de tora para o povo Akwê-Xerente demonstra como esta experiência está profundamente marcada na existência deste povo, que se reconhece e se identifica por meio desta prática cultural. Vale pensar neste instante que os significados produzidos por esta prática cultural por

vezes se aproximam ou se distanciam entre os jovens de hoje, os anciãos e os antepassados, porém, uma questão é marcadamente a mesma: a corrida de tora traz identidade para o povo Akwê-Xerente, independente das fronteiras presentes na atualidade.

Há o reconhecimento de todo um trabalho de viajantes e pesquisadores que se embrenharam neste universo desvelando-o, traduzindo-o e apresentando-o para a sociedade. Ocorre que, para dizer do indígena na atualidade, este que mora na aldeia e acessa a internet pelo celular ou notebook e que, ao mesmo tempo, mantém uma maneira específica de habitar o mundo, é preciso reconhecê-lo enquanto protagonista do processo, ou seja, permitir que ele diga do seu modo de habitar, das linhas e dos fluxos que engendram sua vida cotidiana.

O indígena de que falamos nesta pesquisa vive no século XXI e tem acesso às informações que a mídia e as tecnologias podem disponibilizar e, por comungar da ideia de Viveiros de Castro (2002), quando diz da necessidade de levar “o nativo a sério”, é que trago a discussão das tecnologias como uma prática cultural de lazer da aldeia Salto.

Uma mudança significativa - que vem acentuando-se nos últimos anos - é a necessidade de comunicar-nos através de sons, imagens e textos, integrando mensagens e tecnologias multimídia. O cinema começou como imagem preto e branco. Depois incorporou o som, a imagem colorida, a tela grande, o som estéreo. A televisão passou do preto e branco para o colorido, do mono para o estéreo, da tela curva para a plana, da imagem confusa para a alta definição. Estamos passando dos sistemas analógicos de produção e transmissão para os digitais. O computador está integrando todas as telas antes dispersas, tornando-se, simultaneamente, um instrumento de trabalho, de comunicação e de lazer. A mesma tela serve para ver um programa de televisão, fazer compras, enviar mensagens, participar de uma videoconferência (MORAN, 1995, p.4-5).

A voz dos atores sociais abre caminhos para uma compreensão sincera de uma forma de habitar que não está nos moldes do século XVI e, sim, dialoga com o que está

ao seu redor ou mesmo dentro de suas casas, por meio de informações que chegam via televisão ou celular. E, sem nostalgia ou apegos, pensar: “Ah! O velho Lazer! Não sejam severos com ele, nem o joguem por nossos padrões modernos” (WILLIAMS, 2011, p. 297). Williams, ao tratar das questões relacionadas ao campo e à cidade na história e na literatura, traz elementos que nos levam a pensar que o lazer desapareceu, visto que a modernidade e a cidade incutem novos modelos sociais que podem trazer a impressão de que o lazer está desaparecendo.

O telefone móvel e *wi-fi* são elementos que nos dias atuais são considerados necessários para moradores da cidade e também da aldeia. O conceito de aldeia, aparentemente simples, revela ao longo da história uma grande diversificação – seja de tamanho e natureza, seja, internamente, quanto ao fato de as comunidades serem dispersas ou nucleadas. (WILLIAMS, 2011)

A Aldeia Salto, a maior aldeia do território indígena Xerente, tem na sua realidade uma grande inserção das tecnologias na vida cotidiana. A maioria das casas tem antena parabólica e televisão e algumas, já possuem roteador de internet, e toda aldeia tem acesso à internet livre pelo *wi fi* da escola.

Na vida cotidiana, crianças, jovens, adultos e idosos Akwê/Xerente acessam as tecnologias. O estudo de Halk e Pires (2007), com jovens, destaca que a relação com a mídia se expressa como um meio de fruição do lazer, quando eles se referem à assistir programas de entretenimento na TV, ouvir rádio, ir ao cinema, navegar na internet, ler revistas, jornais e livros.

Observamos o uso de rádio, televisão e celulares na aldeia Salto e ainda uma justificativa de uso destes aparelhos, baseada nas necessidades de comunicação e de integração com o mundo. O que fica marcado é o reconhecimento da existência de um

fenômeno globalizante, que abarcaria toda a humanidade, sem distinção, bem como a força e permanência da cultura, pois há um reconhecimento de que indígenas e não indígenas são seres humanos que estão em um mundo globalizado, e no território indígena Akwê/Xerente não seria diferente. Há a possibilidade de acesso as tecnologias e mídias e também uma cultura que permanece. Ingold (2015), ao aprofundar suas reflexões acerca do meio ambiente, colabora com nossas análises ao dizer que:

O meio ambiente é, em primeiro lugar, um mundo no qual vivemos, e não um mundo para o qual olhamos. Habitamos o nosso meio ambiente: somos parte dele; e através dessa prática de habitação, ele também se torna parte de nós. Olhamos com olhos treinados pela nossa experiência de ver o que está acontecendo ao nosso redor, ouvimos com os ouvidos afinados pelos sons que são importantes para nós, e tocamos com corpos que se acostumaram, pela vida que levamos a certos tipos de movimentos (INGOLD, 2015, p. 153).

A citação acima traz a importância do meio ambiente no significado de habitar, ou seja, a aldeia Salto como o mundo real em que os indígenas Akwê/Xerente vivem, olham ao redor, ouvem os sons que lhes são importantes e se movimentam como vêm fazendo ao longo de sua história. O movimento sempre existiu, é nele e com ele que este povo vai se produzindo, se constituindo indígena na vida cotidiana. Para alguns, esses movimentos geram inseguranças e incertezas, pois fica o questionamento: em que medida estas tecnologias e mídias interferem no processo de permanência ou mudança da cultura do povo Akwê/Xerente?

Entre jovens, adultos e anciãos existe o entendimento da inserção das tecnologias na vida cotidiana do povo Akwê/Xerente e uma clara preocupação dos mais velhos da aldeia e de alguns jovens com as interferências na cultura deste povo, pois a indústria cultural de massa adentra a aldeia nas mesmas proporções com que adentra

nossas casas na cidade. Assim, por vezes, gera a sensação de que não há interferência, outras vezes gera a certeza da interferência.

Neste trabalho não temos a pretensão de aprofundar as questões relativas à interferência de tais tecnologias na cultura do povo Akwê/Xerente e, sim, identificar suas práticas culturais e as aproximações com os estudos do lazer.

Nunes Junior (2009) propõe o conceito de internetnicidade como ferramenta conceitual para pensar o uso de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) por etnias indígenas, observando o modo e espaço de desenvolvimento particular de cada povo. Este autor ressalta com base na pesquisa realizada com o povo Guarani do sul e sudeste do Brasil, que as etnias têm utilizado das NTICs para promover sua cultura e tradição, língua e direitos, tanto dentro das aldeias, como para além delas, até onde as redes de computadores alcançam.

Na aldeia Salto, a utilização das tecnologias faz parte do cotidiano, por vezes, para facilitar a comunicação e outras tantas mais como prática cultural de lazer, que se concretiza no gosto pelo acesso às redes sociais ou pelo gosto, quase unânime, de assistir aos telejornais e programas esportivos.

Há uma direção das experiências midiáticas deste povo, um gosto pelos programas jornalísticos e pelos programas que trazem o futebol como centralidade. O campo de Estudos do Lazer é vasto, são tantos mundos a serem desbravados, inúmeros “pedaços” a serem investigados, este do indígena é uma das possibilidades. Corroborando com esta análise, Magnani (1998, p.10) destaca:

A flexibilização da variável “espaço”, muito marcada nas versões anteriores da categoria, abre um novo e promissor campo para sua aplicação, ainda incipiente: é o “mundo da net”, com suas incontáveis possibilidades e combinatórias, abertas à criatividade individual e coletiva. Pedagogias, trajetórias e circuitos, etc. “virtuais” têm, nesse domínio, suas convenções, graus de pertinência e atores que se

alternam entre os modos *on* e *off*. Recorte, contudo, que está a pedir mais trabalho de campo.

Trazer para o campo do debate a vida cotidiana do indígena, pela lente do lazer, é propor que alternemos as formas de olhar, ou seja, poder dizer somente de práticas culturais de lazer específicas do povo Akwê/Xerente e/ou dizer das práticas culturais de lazer do povo Akwê/Xerente, somente assim, é possível analisar a festa cultural, bem como a corrida de tora e o navegar no mundo da net. E, ao alternar estas possibilidades de olhar, é possível que se reconheça que as práticas culturais de lazer analisadas neste estudo fazem parte de um todo complexo que envolve, para além da ludicidade e do prazer, questões cosmológicas, políticas, sociais e econômicas, que são complexas e permeiam a responsabilidade com o fortalecimento ou não de determinadas práticas.

Discussões

A ludicidade faz parte da malha de linhas que são tecidas por vidas que produzem estas práticas culturais e, ao pensar no ser humano-no-ambiente (INGOLD, 2015), ou mais especificamente no indígena Akwê/Xerente no seu habitar, a partir da observação de perto e dentro da sua vida cotidiana, comprovo que a ludicidade traz as marcas das suas origens.

Quais são as consequências desse hibridismo tradicional-moderno que nos marca, especificamente em nosso lazer? Uma observação superficial mostra que, em toda parte, observa-se o mesmo peso do lazer-consumo voltado à distinção social, ao lado de um lazer buscado pelas pessoas como forma de aprimoramento pessoal; em toda parte, observa-se o peso da indústria do lazer e de seus modelos comerciais que se difundem na velocidade da Internet; em toda parte observam-se, também, iniciativas de controle social do tempo de lazer, que buscam corrigir as consequências que se estimam negativas desse processo; em toda parte, finalmente, observa-se, ao lado da importação de modelos vindos dos centros urbanos mais dinâmicos do ponto de vista cultural, que a originalidade das inovações no lazer em

relação à mundialização cultural, alimenta-se sobretudo da tradição (CAMARGO, 2016, p. 84).

Dizer das práticas culturais do povo Akwê/Xerente é dizer das conexões construídas por estes atores sociais nos tantos trajetos percorridos ou linhas traçadas, que percorrem o tradicional e não fogem do moderno. A lente do lazer, neste estudo, não avalia existência ou inexistência, mas, sim, apresenta o que a vida cotidiana traz por meio das práticas culturais deste povo. As histórias se aproximam, o antigo e o moderno, o tradicional e o pós-moderno, a aldeia e a cidade e o indígena e o lazer, porque vivemos em fronteiras culturais e a hibridização é uma constante na vida dos seres humanos e o resultado deste processo não retira do indígena a sua condição étnica.

Trazer elementos da experiência cultural do povo Akwê/Xerente nos remetem as questões que permeiam a compreensão de territorialidade, que serão desenvolvidas a partir dos seguintes autores: Santos (1978; 1979; 1982; 1985; 1988; 1994; 1996), Little (2002) e Ingold (2015), entendendo a conduta territorial como parte integral de todos os grupos humanos.

Defino a territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território”, com suas particularidades socioculturais [...] No intuito de entender a relação particular que um grupo social mantém com seu respectivo território, utilizo o conceito de cosmografia (LITTLE, 2002, p.4).

A citação acima nos permite melhor entender que a lente do lazer, que estamos utilizando para observar, melhor descrever e interpretar o modo de vida Akwê-Xerente, reconhece a territorialidade deste povo. Trago aqui o modo de habitar específico de um povo que vem, ao longo de séculos, construindo seus processos identitários, com suas próprias maneiras de se constituir humanidade, enquanto vida.

Steil e Carvalho (2012) defendem que o mundo que estamos estudando é um mundo em contínuo movimento. Enquanto observadora, não olho a partir de um corpo que se localiza como uma totalidade independente em relação aos fluxos de luz, sons e texturas do ambiente, mas diferente do que muitos pensam, ele é atravessado por estes fluxos, nos quais me é dada a possibilidade de descrever e compreender o mundo.

Ao aproximar o universo indígena dos estudos do lazer, havia um estranhamento com relação a possibilidade de observar um mundo de objetos fixos, de conceitos limitados e parciais, entendia haver necessidade de considerar uma totalidade da minha participação em um mundo diverso e em processo de criação. "Participação não é o oposto da observação, mas a condição para isto, assim como a luz é a condição para ver, o som para ouvir e o tato para sentir" (INGOLD, 2008, p. 129).

Uma perspectiva de habitação é fundada na premissa de que

[...] as formas como os seres humanos constroem, ou mesmo caminham, seja na imaginação ou no chão, surgem dentro de correntes da atividade na qual estão envolvidos, nos contextos relacionais específicos dos seus compromissos práticos com seus arredores (INGOLD, 2015, p.35).

As observações realizadas nos permite dizer da importância de se verificar que há uma visão cosmológica que envolve o habitar Akwê-Xerente, sua relação com o místico, com a natureza, com a família e a comunidade. E, ainda, uma preocupação e comprometimento com permanência desta cultura no mundo, a relevância de agradecer a Deus (whaptokuazaré) e da importância de hábitos diários como do banho matutino, para a leveza do corpo, do encontro e fortalecimento da vida cotidiana e dos vínculos com os parentes próximos.

Santos (1978) contribui para a compreensão da relação entre territorialidade e alteridade, quando reflete acerca do espaço como produção do homem, da relação da

natureza com a totalidade e a mediação da técnica. O espaço social do povo Akwê-Xerente corresponde ao espaço humano, lugar de vida, de morada, de trabalho, sobrevivência, ritos e tantas outras experiências. O espaço geográfico – Território Indígena Xerente – vem sendo historicamente organizado pelo seu povo, que o produz como lugar de luta e de sua própria reprodução. Os territórios dos povos tradicionais se fundamentam em décadas, em alguns casos, séculos de ocupação efetiva. (LITTLE, 2002).

Para entender como se processa a relação entre territorialidade e alteridade, neste estudo com o povo Akwê-Xerente, recorremos a Santos (1978), que defende que “a utilização do território pelo povo cria o espaço”, espaço que apresenta mudanças ao longo da história, ficando a compreensão de que o território antecede o espaço.

Observar as diversas idades, e trazer nesta discussão, o entendimento de uma valorização que o povo Akwê-Xerente tem acerca do seu modo de habitar o mundo, que se constitui numa relação entre territorialidade e alteridade. Ao escolher viver neste território, valorizando todos os seres que nele existem e são fundamentais para a existência da vida, esse povo reconhece as circunstâncias naturais que formam a estrutura material da existência do grupo.

Habitar [...] concerne a maneira como os habitantes, isolados e em conjunto, produzem as suas próprias vidas, e como a vida, prossegue. Criticamente, então, a habitação não é meramente a ocupação de estruturas já construídas: não está para construção como o consumo está para a produção. Significa antes essa imersão dos seres nas correntes do munda da vida, sem qual atividades como concepção, construção e ocupação simplesmente não poderiam acontecer (INGOLD, 2015, p. 34).

Os fluxos do modo de vida Akwê-Xerente materializam a relação entre territorialidade e alteridade, ou seja, o habitar deste povo é um esforço coletivo para

ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, do seu “território”, com suas particularidades socioculturais. E, a partir do conceito de cosmografia (LITTLE, 2002), o povo Akwê-Xerente define os seus saberes ambientais, ideologias e identidades, que são coletivamente criados e historicamente situados, para estabelecer e manter seu território. As falas dos idosos, adultos e jovens revelam os vínculos afetivos que mantêm com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e a suas formas de defesa.

A questão da territorialidade se une ao debate da alteridade, chamando a atenção para a dimensão espacial da cidadania. Martins (1993) afirma que nossa cultura barroca, de fachada, não tem dado conta da igualdade de direito à maioria e do reconhecimento da alteridade para os excluídos do campo, da floresta e até mesmo na cidade.

O pertencimento que permeia as vozes Akwê-Xerente traz elementos que denotam a relação deste processo de territorialidade e alteridade. Os indígenas conseguem falar do seu lugar e do modo como vivem, reconhecendo que existem diferenças entre seu modo de vida e o de outros grupos da sociedade. No modo Akwê-Xerente de habitar o mundo existe uma noção de que a diferença constitui a vida social, à medida que esta se efetiva através das dinâmicas das relações sociais e "neste processo a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito" (VELHO, 1996, p.10).

O indígena Akwê-Xerente consegue dizer do seu modo de habitar a partir do que conhece de outros modos de habitar. Fala do sossego da aldeia, da forma como se relacionam com a natureza, diz da forma como vivem suas crianças a partir da

existência de outras realidades. Este conhecimento da alteridade leva-os a reconhecer o próprio cotidiano, o modo de vida, enfim, a própria forma de habitar.

Territorialidade e alteridade mostram-se presentes nas vozes destes indígenas, que denotam reconhecer que diferenças não são uma questão de identidade, é o oposto, inclusive. O indígena Akwê-Xerente traz na sua territorialidade, no seu modo de habitar, uma relação de alteridade em que no outro ele não se vê refletido, nas práticas culturais de lazer que são vivenciadas na vida cotidiana da aldeia.

A noção de pertencimento a um lugar agrupa tanto os povos indígenas de uma área imemorial quanto os grupos que surgiram historicamente numa área através de processos de etnogênese e, portanto, contam que esse lugar representa seu verdadeiro e único território (LITTLE, 2002). Este território traz a possibilidade de habitar práticas culturais de lazer que demonstram uma perspectiva de relação com todo esse processo construído de territorialidade, alteridade e também temporalidade e sustentabilidade.

O habitar do povo Akwê-Xerente possibilita o emergir de práticas culturais que trazem elementos que nos dizem da possibilidade de uma relação com o lugar onde vivem os indígenas, onde podem ser como são, pintar seus corpos, cantar seus cantos e dançar pela noite, em comemorações ou rituais. O que se apresenta neste modo de vida é uma possibilidade de interação entre territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade cultural e os estudos do lazer.

Numa sociedade em que o pensamento científico muitas vezes se sobrepõe aos saberes tradicionais e alguns fenômenos e/ou conceitos são determinados a partir de uma única realidade é, no mínimo, interessante trazer experiências de habitar o mundo que não necessariamente necessitam de todo um aparato científico para respirar e

sobreviver. E apresentar as fronteiras cotidianas existentes no território indígena Xerente, possibilita verificar que há relações de poder que emergem a todo instante.

Pensar as práticas culturais do povo Akwẽ-Xerente é poder mergulhar neste universo e nos interrogar, como Ingold (2012, p. 16):

Como podemos criar um espaço para a arte e a literatura, ou para a religião, ou para as crenças e práticas dos povos indígenas em uma economia do conhecimento na qual a busca pela natureza real das coisas tornou-se uma prerrogativa exclusiva da ciência racional? Ainda sofremos com a nossa imaginação que persiste em nossas mentes, ou toleramos a sua propensão à fantasia como um desejo compensatório pelo encantamento em um mundo que, de outra forma, parou de nos cativar? Mantemos isso como um sinal de criatividade, como um símbolo de civilização, como um respeito a diversidade cultural, ou meramente para nosso próprio entretenimento?

Os questionamentos acima exigem um posicionamento, pois se configuram como desafios ao campo dos estudos do lazer, ou seja, como os estudos do lazer se colocam perante o universo indígena. Para além da visão de cultura distante ou exótica, ou ainda de povos primitivos ou atrasados, busco o entendimento de um diálogo a respeito da diversidade cultural a partir dos significados das práticas culturais deste povo. Ao aproximar o campo dos estudos do lazer ao universo do povo Akwẽ-Xerente entendo que:

O que importa [...] não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, e sim a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade – e que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido (MAGNANI, 1998, p. 3) .

Relevante se faz, conhecer as práticas culturais do povo Akwẽ-Xerente que entendemos ter relação alteritária com o campo dos estudos do lazer, a partir da análise de Levi-Strauss (1962), para o qual se o ponto ideal da diversidade é condição

permanente do desenvolvimento da humanidade, podemos estar certos de que dessemelhanças entre sociedades e grupos não desaparecerão, senão para se constituir em outros planos. Assim, neste *continuum* de dessemelhanças, as práticas culturais do povo Akwê-Xerente provocam semelhanças ao aproximarem-se do entendimento do lazer como prática social complexa e dimensão da cultura e ainda como atitude/experiência subjetiva.

Considerações Finais

Penso que a festa cultural *Dasipê*, como mediadora da experiência do indígena com o seu ambiente. A observação participante revelou que os dias de planejamento e acontecimento do *Dasipê* apresentam todo o envolvimento que os indígenas da aldeia Salto têm com a cosmologia Akwê-Xerente. Há toda uma preparação para que se possa garantir o máximo de experiências específicas deste povo. Sendo uma semana, quinze dias ou um mês, é determinada para esse tempo uma imersão nas práticas culturais tradicionais, que são reconhecidas como importantes para o povo e, por isso, devem ser fortalecidas.

A corrida de tora, que acontece no *Dasipê*, é para os indígenas uma experiência única, que representa a identidade e a alteridade do povo. Sendo a corrida individual ou em grupo, de crianças, jovens ou adultos, os indígenas participantes ou expectadores se divertem, vivenciando todo o processo lúdico desta prática cultural de lazer específica deste povo indígena, um momento de celebração e fortalecimento da cultura.

O *Dasipê*, com todas as vivências da cultura Akwê-Xerente, é um evento de lazer para os moradores da aldeia Salto e aldeias vizinhas, como também para visitantes não indígenas, que buscam participar da festa para conhecer um pouco mais a cultura

deste povo. A festa apresenta-se, então, como elemento fundamental para o contato interétnico, para as relações multiculturais e para a construção de um processo alteritário nas relações.

Já a utilização das tecnologias e mídias na aldeia Salto são aqui apresentadas como práticas culturais de lazer que dialogam com a modernidade. As fronteiras culturais estabelecidas pelo povo Akwê-Xerente estabelecem um delineamento das experiências que são resultado das relações híbridas que este povo vem desenvolvendo ao longo da história.

Estas práticas culturais de lazer fazem parte da vida cotidiana e participam da força geradora que define essa cultura. A tessitura deste habitar é composta por fios da tradição e outros fios da modernidade, revelando o processo híbrido da experiência cultural.

Ingold (2015) usa o termo peregrinar para descrever a experiência corporificada do movimento de perambulação. A peregrinação do povo Akwê-Xerente deixa trilhas que são compartilhadas nos encontros com outros povos, indígenas ou não. Nestes encontros, linhas vitais vão sendo entrelaçadas. “Cada entrelaçamento é um nó, e quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó” (INGOLD, 2015, p. 219).

Corpo, ambiente e envolvimento revelam o lazer e a vida em processos contínuos. As relações construídas pelas práticas culturais de lazer trazem relações de poder, de convivência, debates e lutas, que envolvem processos identitários. O povo Akwê-Xerente produz as práticas culturais de lazer ao mesmo tempo em que são produzidos por elas. E, neste caminho de peregrinação e produção, o tradicional e o

moderno vão sendo afirmados ou negados, de acordo com o movimento de encontro das linhas vitais e entrelaçamento dos nós.

REFERÊNCIAS

AMORIN, M. **O pesquisador e o seu outro**. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001.

CAMARGO, Luiz Otávio de. O lazer e a ludicidade do brasileiro. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação – SESC**, n. 2, maio 2016.

CORBIN, Alain. **A história dos tempos livres: o advento do lazer**. Lisboa: Teorema, 2001.

COSTA, Carlos Eduardo. A busca da esportividade ameríndia: antropologia das práticas esportivas e sociedades indígenas em debate. In: SPAGGIARI, Enrico (Org.). **Entre jogos e copas: reflexões de uma década esportiva**. São Paulo, Intermeios, Fapesp, 2016.

DIAS, Cleber. A igreja, o Estado e a bola: história do esporte entre os índios do Brasil Central. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 1271, jan./mar. 2012.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores do Antropólogo. Antropologia Pós- Social e Etnografia. **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia da USP**, ano 2, v. 3, 2008.

HALK, Cassia; PIRES, Giovani De Lorenzi. Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana. **Licere**, Belo Horizonte, v.10, n.1, abr./2007.

INGOLD, Tim. Humanity and animality. In: INGOLD, T. (Ed). **Companion encyclopedia of anthropology**. London: Routledge, 1994.

_____. Pare, olhe e escute. Tradução de Ligia Maria Venturini *et al.* **Revista Ponto Urbe**, Ano 2, Versão 3.0, 2008.

_____. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina. **Cultura, Percepção e Ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012, pg. 15 - 19.

_____. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Trad. De Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015.

LATOUR, Bruno. **Nous n'Avons Jamais Été Modernes: Essai d'Anthropologie Symétrique**. Paris: Editions La Découverte, 1991.

LÉVI- STRAUSS, Claude. A crise moderna da Antropologia. **Revista de Antropologia**, v. 10, n.1 e 2, USP, São Paulo, 1962.

LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia 322. Universidade de Brasília, 2002.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49. jun., 2002.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélogos da Nova Guiné melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, J. S. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo. **Revista Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, v. 23, n.126, p. 24-26, setembro-outubro 1995.

NUNES JUNIOR, Oriovaldo. **Internetnicidade**: caminhos das novas tecnologias de informação e comunicação entre povos indígenas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

SAHLINS, Marshal. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em via de extinção. **Mana - Estudos de Antropologia Social do Museu Nacional**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 e 2, UFRJ, 1997.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

STEIL, Carlos Alberto e CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Cultura, Percepção**

e Ambiente: diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución.** Ediciones Nueva Vision, 1961.

_____. **O campo e a cidade:** na história: na história e na literatura. Tradução Paulo Henrique Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Endereço dos Autores:

Khellen Cristina Pires Correia Soares
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins
Endereço Eletrônico: khellencristina@gmail.com

José Alfredo Oliveira Debortoli
EEFFTO/UFMG
Av. Antônio Carlos 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 30270-901
Endereço Eletrônico: dbortoli@eeffto.ufmg.br